

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
CBD0247 - Introdução à Museologia

Salvador Dalí: a experiência dentro e fora do cubo branco



Thaís Gaal Rupeika
nº USP - 7585962

São Paulo, 2014

Introdução

Salvador Dalí (1904-1989) maior expoente do movimento surrealista, chegou ao Brasil recentemente, através de uma mostra realizada pelo Instituto Tomie Otake com uma coleção de cerca de 200 itens, entre pinturas, gravuras, vídeos e documentos. Considerando que parte fundamental do seu trabalho está instalada na Espanha, trazer para a América Latina tal coleção é um importante feito do Instituto para nosso cenário cultural, que conhece o artista apenas através de reproduções.

Apesar de todos os seus méritos, a exposição não é extensa, consegue trazer apenas fragmentos de Dalí, e os apresenta num formato diferente do qual o artista provavelmente escolheria se apresentar. Este trabalho se propõe então, diante do que foi apresentado na disciplina de Introdução à Museologia juntamente com a bibliografia do curso, e reunindo o conhecimento de uma visita prévia ao Teatro-Museu Dalí em Figueres a uma visita à exposição trazida ao Brasil de outubro a fevereiro de 2014, refletir as diferenças no modo de expor um mesmo artista em contextos distintos.

Analisaremos o museu dentro do contexto histórico do Museu de Arte, levando em consideração sua evolução desde seu surgimento a partir das Coleções Particulares até chegarmos no modelo de museu funcional, mais difundido no último século, que temos hoje, um espaço para a exposição da arte que se configura a partir de salas brancas onde as obras são expostas com certo espaçamento, sem que haja interferência do ambiente externo à galeria. Este ambiente, denominado Cubo Branco pelo crítico de arte Brian O'Doherty, no estudo *Inside the White Cube: Ideologies of the Gallery Space*, de 1976, foi selecionado como objeto de estudo e ponto de partida para a nossa análise das obras trazidas ao Instituto Tomie Otake, em contraste com a apresentação das obras de arte de um ambiente surrealista criado por Salvador Dalí em sua cidade natal, na região da Catalunha, Espanha. O Teatro-Museu Dalí de Figueiras oferece quase a oposição completa ao cubo branco pela forma caótica e não linear como as obras e espaços foram projetados, ao mesmo tempo em que ainda há uma aproximação na ideia de que dentro desse museu, por mais desordenado que seja, há um espaço para a arte em que o exterior não atinge, e somos convidados a nos perder por entre as salas sem qualquer preocupação com o tempo, por exemplo.

É importante ressaltar, antes de seguirmos adiante, que não se pretende com este trabalho fazer uma análise mais profunda da disposição das obras de Dalí, ou como seu gênio surrealista influenciou a criação do Teatro-Museu - esta seria uma pesquisa muito mais ampla e abrangente. O que visamos é uma análise mais direta da experiência museológica diante de duas formas opostas de exposição de um mesmo artista - no caso, Dalí - levando em conta traços mais sensíveis como a percepção da interação do público com a arte e quais as vantagens que cada expografia oferece, nos dois contextos distintos, diante das exigências da contemporaneidade.

O Teatro-Museu Dalí

Na região da Catalunha, Espanha, a cerca de 140 km de Barcelona, está localizada a cidade de Figueres, onde nasceu e cresceu Salvador Dalí. Foi ali que o artista, em 1919, realizou sua primeira exposição - uma mostra coletiva no Teatro Municipal de Figueres. O prédio, originalmente construído em 1814, foi bombardeado anos mais tarde durante a guerra civil espanhola, sofrendo graves problemas estruturais que levaram ao seu abandono pela prefeitura até que, em 1964, Salvador Dalí retornasse a sua cidade natal para propor a reconstrução adaptada do teatro, transformando-o em um museu. Após anos de negociação e planejamento, as obras se iniciaram e o museu finalmente foi inaugurado em 1974, com um espaço anexo onde desde 2011 é permitido aos visitantes conhecer a coleção de arte em jóias do artista - o museu Dalí Joyas.

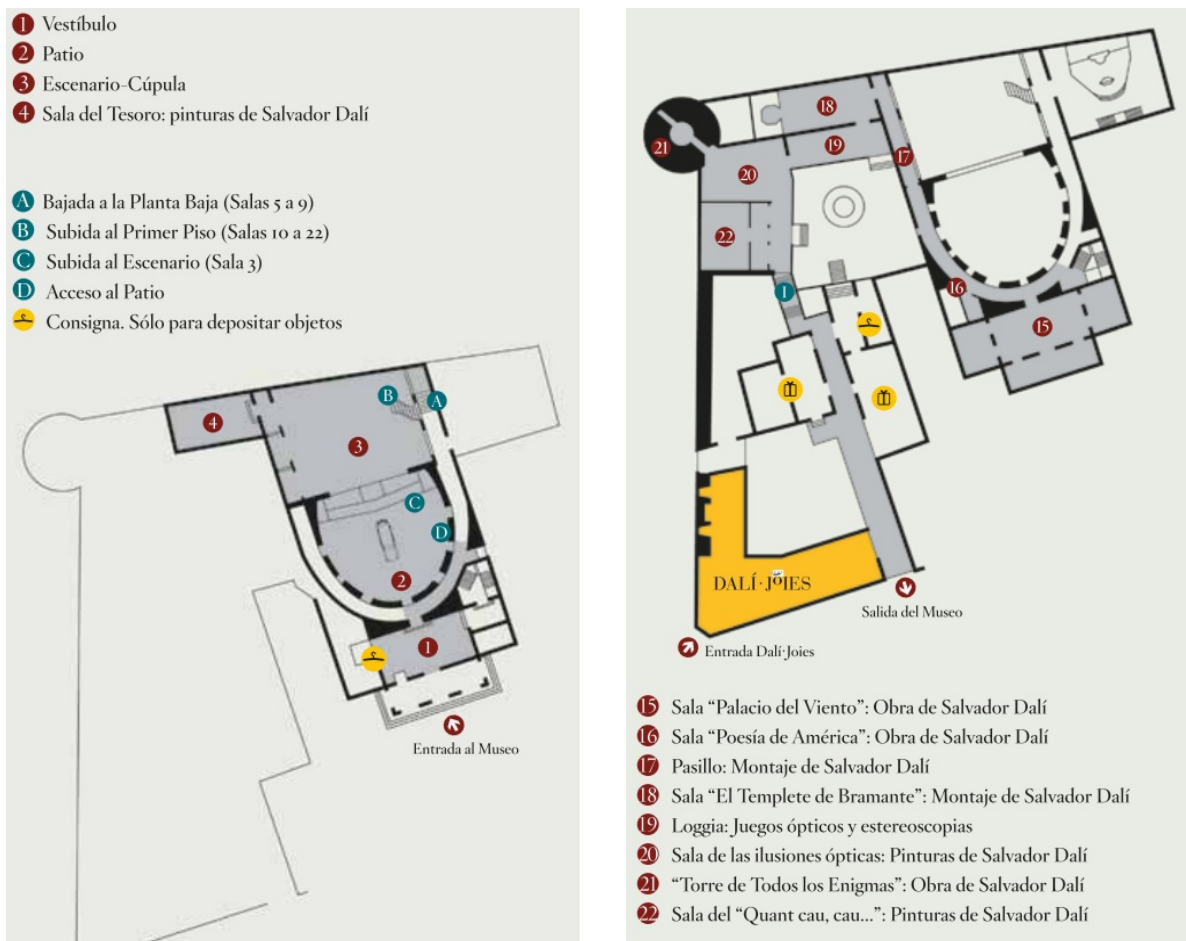
O diferencial desse museu não é apenas o fato de ter sido projetado pelo próprio artista que expõe nele suas obras. Na própria região da Catalunha temos outro museu projetado por um artista quase contemporâneo para abrigar a coleção principal de suas obras: a Fundação Miró, em Barcelona, é um prédio do final da década de 1960, criado a partir do projeto conjunto do artista Joan Miró com o arquiteto Josep Lluís Sert, de quem Miró era muito próximo. Embora traga as obras do artista e de sua coleção particular muito bem integradas ao espaço físico do museu, a Fundação Miró (cuja arquitetura remete a uma mistura de Le Corbusier com a arquitetura mediterrânea em suas influências) ainda recria ambientes que remetem ao cubo branco, dispondo as obras isoladas em paredes de um edifício branco e hermético em muitos momentos, apesar dos esforços para a criação de saídas para jardins de esculturas e o uso de luz natural e materiais como o vidro que transparecem o exterior do prédio em um espaço ou outro.



Topo, direita: Fachada do museu com material de divulgação da exposição temporária sobre Roni Horin
Topo, esquerda: Interior do museu, esculturas da exposição temporária diante do pátio interno de esculturas permanente.

Inferior: Sala de obras da coleção permanente de obras de Miró.

Dalí vai além. Fruto da estética surrealista que permeia tudo o que ele faz, o Teatro-Museu é uma estrutura completa que engloba o visitante desde o primeiro momento em que este põe os olhos no museu. Ovos, pães e manequins dourados compõe a fachada do prédio, e, ao escolher adentrar o mundo surrealista de Dalí, o visitante se depara com uma experiência surrealista quase completa. O Museu-Teatro sequer tem uma ordem para visitação - tanto que   deixado muito claro pela diretoria do museu que o percurso sugerido no material de orienta o não segue qualquer lógica a não ser a de que o visitante visitar  todas as salas fazendo o menor percurso e repetindo tanto menos espaços quanto o possível.



Recorte do material de orienta o (Mapa do Teatro-Museu): Térreo e Primeiro andar

  possível reconhecer no p t o central a estrutura do antigo teatro, o semi-círculo onde estariam as poltronas e camarotes se tornam corredores expositivos com gravuras de Dalí, contornando o p t o externo central, ao passo em que o espaço onde seria o palco   um dos salões principais, com as maiores obras (ou aquelas que

requerem afastamento maior do público para melhor apreciação). Nesses espaços mais amplos como a área do palco, o pátio externo, parte das escadas e o grande salão do teatro, a sobreposição de obras exige do visitante uma atenção especial, pois cada canto traz um detalhe diferente e calculado cuidadosamente por Dalí para estar ali.

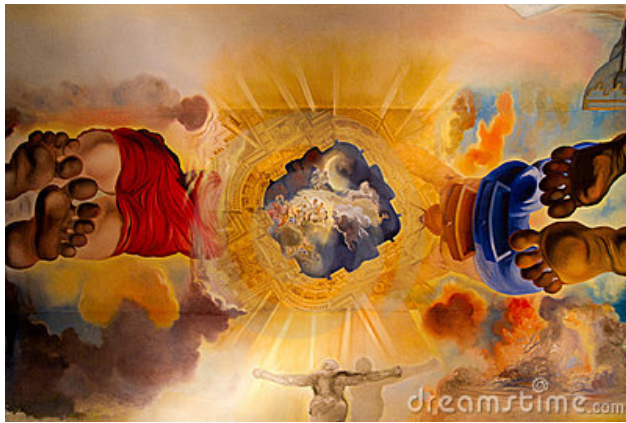
Podemos sentir facilmente a personalidade extremamente forte e marcante do artista quando entramos em seu museu. Além de grandioso e extravagante, Dalí passa a imagem de um artista inquieto, em produção constante, com ótimo domínio das técnicas que utiliza e um amor muito grande pela sua esposa e musa, Gala - existem poucos espaços em que ela não aparece em nenhuma referência.

É muito difícil classificar nesse museu o que são instalações, quando o prédio inteiro foi pensado para ser uma. À parte das exposições de gravuras, nos andares da região semi-circular do prédio, onde também configuram-se a exposição permanente de Antoni Pitxot e as exposições temporárias, temos algumas poucas salas com quadros de Dalí, mas todos os espaços adjacentes, como corredores e escadas estão repletos de esculturas e intervenções artísticas. Na parte inferior ao pátio central aberto, temos outro local que vale o destaque: a cripta onde está o corpo do artista (o de sua mulher, Gala, repousa em outro prédio da Fundação Dalí, um castelo que o artista deu de presente para sua esposa e atualmente também está aberto para visitação), junto com uma pequena mostra da coleção de jóias que o visitante pode conhecer no museu adjacente dedicado exclusivamente ao trabalho do artista com esse tipo de material.

Diante de tantas excentricidades, o visitante acaba convencido de que Salvador Dalí foi muito além de um mero pintor de vanguarda. Um artista de múltiplos interesses, ele procurou ir mais longe e se inspirar em outros campos do conhecimento que também despertavam seu fascínio, das ciências moleculares à psicanálise, o que transparece de forma muito evidente em suas obras, especialmente naquelas do final de sua carreira. Além de usar de estudos geométricos nas suas pinturas, ele joga com espelhos para criar imagens tridimensionais e chega a desenvolver obras que são máquinas e se animam a mostrar seu conteúdo com luzes e movimentos mediante o pagamento de algumas moedas. A interatividade gerada por esses objetos artísticos remetem aos mais contemporâneos esforços de modernização de diversos museus para atrair o público.



Seguindo sentido horário a partir do topo, esquerda: fachada externa posterior do Teatro-Museu; detalhe da fachada frontal do prédio; obra “Gala desnuda mirando el mar que a 18 metros aparece el presidente Lincoln”, de 1975; gravura exposta em um dos corredores semi-circulares.



Topo: detalhe da obra “Planel central del techo del Palacio de Viento”, localizada no teto do salão do teatro;
Inferior direita: visão completa da obra “Planel central del techo del Palacio de Viento” ;
Inferior esquerda: Cripta de Salvador Dalí i Doménech (1904-1989), localizada no museu.



Superior: Visões interna e externa do pátio central do museu
Inferior: Itens do museu Dalí-Joyas

O Teatro-Museu de Dalí, então, atinge aquilo que seu criador propõe que ele seja: um espaço da arte de vanguarda, que quebra com expectativas das exposições e interpretações de arte tradicionais para propor um novo modelo de museu que se adeque à arte que apresenta. Cria um universo em que o visitante-expectador, a partir do momento em que entra em contato com o museu, é convidado a entrar e mergulhar no mundo do artista, para que possa compreender e sentir sua arte de maneira mais completa.

A exposição “Salvador Dalí” no Instituto Tomie Otake

A maior mostra sobre o pintor surrealista já realizada no Brasil chegou em São Paulo em outubro de 2014. Num esforço do Instituto Tomie Otake para apresentar uma exposição expressiva de Dalí, foram enviados 24 pinturas, 135 desenhos e gravuras, 40 documentos, 15 fotos e 4 vídeos do acervo da Fundação Gala-Salvador Dalí.

Depois do imenso sucesso de público que foi a última grande exposição do Instituto (Yayoi Kusama, em julho de 2014), a organização optou por um esquema de senhas para controlar a entrada dos visitantes, que após retirarem uma, subiam as escadas do Instituto que dão acesso ao espaço de exposições temporárias.

Logo de cara, os tradicionais textos de apresentação da exposição pendurados em uma parede ao lado da porta da primeira sala, justificando a mostra e os itens que foram trazidos para o país. Entrando, uma foto do rosto de Dalí (a mesma que ilustra a capa desse trabalho) cobria a parede inteira - e só depois vinham suas obras. Vieram algumas pinturas, mas as séries de gravuras chamavam a atenção nas paredes do Tomie Otake, já que estas últimas formavam o maior grupo na coleção que foi trazida.

É notável que no Brasil falou-se do artista Salvador Dalí como um todo. Dedicou-se espaço para sua pintura, mas não foi uma exposição sobre surrealismo. Havia obras de outras fases do pintor, como o cubismo do início de sua carreira, foram apresentados seus curtas, fotos, documentos, e principalmente, sua figura como personalidade artística. Foi criado um painel com suas aparições em jornais e revistas, ao lado de uma amostra de fotografias suas - nem todas surrealistas também.

Dalí chegou a ilustrar diversos livros (Fausto, Alice no País das Maravilhas, Don Quixote, O Velho e o Mar) e eram essas gravuras que compunham o segundo espaço da mostra quase que exclusivamente. Uma de suas obras com espelho (que remete a sua busca pela tridimensionalidade) integrava a mostra nesse ambiente e, entre os objetos multidimensionais destaca-se também uma réplica da instalação com o rosto de Mae West em que os visitantes podiam interagir e tirar fotos num grande espelho.

A exposição não é tão extensa e poucas horas são necessárias para apreciar tudo com calma. Vale notar que ao lado de cada obra, ou início de cada série de gravuras, há pequenos textos educativos sobre o que vem a seguir. Junto de parte da história do artista os textos trazem análises dos elementos pictóricos identificáveis especialmente nas pinturas surreais de Dalí. Nesses textos figuram explicações sobre o significado de rostos, sombras e nuvens ou lembretes de que esse ou aquele elemento eram recorrentes na obra do artista. Ao mesmo tempo em que necessário esse apoio para o público não-especializado (afinal, trata-se de uma mostra gratuita de um artista que nunca havia vindo ao Brasil tão expressivamente antes), é um pouco questionável a escolha da curadoria em ressaltar a cada obra os elementos que o público deve notar, cortando parte de seu poder de interpretação.



Seguindo sentido horário a partir do topo, esquerda: primeira sala da exposição, com as primeiras obras de Dalí; Visitante diante da obra “El pie de Gala”; Visitantes tirando foto das gravuras de Dalí; Réplica da instalação “Rosto de Mae West usado como apartamento”.

O cubo branco como plano de fundo

A primeira conclusão que podemos chegar diante do contraste das duas formas expositivas é a mais óbvia: o cubo branco funciona. Talvez não seja possível aplicá-lo em sua forma ideal sempre, mas esta sempre vai ser a forma mais próxima de atingir o espaço mais neutro possível que a arte precisa para que possa ser apreciada de forma plena. Não é a toa que este modo expositivo tornou-se o mais difundido e utilizado em galerias de arte ao redor do mundo. Sua força está na simplicidade da qual é composto, como ambiente minimalista, em que o Espaço se anula em prol da Arte ali apresentada. É, também, onde a arte torna-se atemporal, artistas tornam-se parte de um imaginário coletivo único (ainda que eurocentrico) composto por mestres das mais diversas épocas do passado. Somos levados a reverenciar a arte pela associação que surge entre a aura da obra e a de qualquer objeto sagrado, pela sua pureza que contrasta com o mundo profano, sujo e barulhento que ficou do lado de fora da galeria. É um espaço de reflexão em que nos descolamos de nós mesmos para poder ter uma experiência visual mais completa.

Quanto a outras formas expositivas, devem ser fortes em suas justificativas o suficiente para se sustentarem como alternativa ao cubo branco. Se o cubo branco é pleno, qualquer outra forma expositiva só deve existir a partir do momento em que trás algo a mais à exposição. Existem diversos exemplos de locais onde isso ocorre - as exposições de Lina Bo Bardi, por exemplo, incluem sua ideologia que questiona o desligamento entre arte e realidade, e seu esforço é para levar a arte cada vez mais para o dia a dia (e, em contraponto, trazer o mundo externo cada vez mais para dentro do museu). Dentro dessa premissa, torna seus ambientes anti-cubos brancos, e porque este é seu objetivo, ela o atinge intrigando o visitante, forçando um conflito para que ele próprio questione as mesmas premissas. Já no caso estudado, Salvador Dalí justifica sua expografia desordenada construída dentro do seu museu como uma porta para a entrada ao universo surrealista, justificando a disposição das obras e a narrativa de sua exposição com as premissas do movimento que procura expor. É coerente nesse sentido, e o produto final é um museu que funciona.

Dalí lá, Dalí aqui

Ao analisar a mostra Salvador Dalí no Instituto Tomie Otake, devemos levar em conta o uso do cubo branco como uma saída para um evento que ocorre dentro de um espaço pré-existente, considerando o tamanho da exposição, sua duração de apenas quatro meses e o próprio contexto do Instituto. A tentativa de expor no cubo branco foi visto como a única saída, mesmo que não tenha sido aplicado da melhor maneira possível. O material muito diverso dificultou a criação de uma narrativa consistente para a exposição, que conseguisse conversar melhor com o restante do trabalho do artista, e o resultado é a sensação de que falta alguma coisa. O cubo branco, não atinge o ideal descrito por O'Doherty, e é em vários momentos quebrado - um dos fatores de quebra é o excesso de pessoas na exposição, falando alto, querendo ler os textos de apoio das obras, esbarrando umas nas outras, mesmo quando a mostra não tem filas e está longe da sua lotação. O enfoque dado ao artista em questão tampouco favorece o distanciamento ideal da arte - embora o surrealismo de Dalí remeta a universos oníricos, a abordagem da exposição estava focada na sua personalidade artística, nos diversos objetos midiáticos que produziu e as capas de revista que estampou, dificultando o mergulho no universo surrealista em si.

A primeira sala da exposição e o segundo ambiente inteiro (com entrada ao lado direito do saguão) conseguiram construir uma linha narrativa bem amarrada, a primeira sala com os trabalhos dos anos iniciais do artista, e o segundo ambiente com as séries de gravuras para livros que ele desenvolveu ao longo de sua carreira. As segunda e terceira sala, entretanto, não tem o mesmo êxito. Intercalar as escassas pinturas com documentos da vida do artista cortou o ritmo da exposição, e as três imagens surrealistas que figuram na terceira sala aparecem deslocadas entre as duas séries fotográficas, documentos e exibições de vídeo ao seu lado.

Já a proposta do Teatro-Museu Dalí de Figueiras, é completamente outra. Apesar de seu egocentrismo, Salvador Dalí projetou seu museu para difundir seus ideais surrealistas em primeiro lugar, buscando nas paisagens oníricas uma experiência estética nova como forma de interpretação do mundo, e embora todo o ambiente tenha traços muito fortes de sua personalidade, não há destaque para o indivíduo Salvador Dalí i Domènech (exceto na sua cripta). Fica claro que sua vida não entra no museu, o museu é que entra como obra final de sua vida, ao qual dedica-se com grande afincamento até a inauguração e ainda alguns anos depois disso. O resultado é um ambiente de completa imersão surrealista, em que o visitante é transportado da sua realidade (provavelmente de férias, passeando pelo norte da Espanha, já que o local tornou-se um centro turístico), para a realidade de Dalí, onde sua expressividade artística pode chegar ao auge, já que não há mais limites para a sua arte dentro do museu que ele mesmo cria.

Mesmo quando interagimos com a arte do Teatro-Museu, dando passos para trás para observar melhor algumas obras e esbarrando em outras, estamos envolvidos no ambiente, colocando nossas moedas dentro de sua arte porque ela desperta nossa curiosidade a esse ponto. Mesmo quando encontramos filas ou nos deparamos com outras pessoas no museu, temos a impressão de estarmos todos num mesmo mergulho no teatro de Dalí, como se estivéssemos numa mesma jornada.

A instalação original “Rosto de Mae West utilizado como apartamento”, que foi reproduzida num espaço anexo dentro da exposição no Tomie Otake, está originalmente no museu de Figueres. Do chão, é possível apenas ter uma ideia do que se trata (o rosto de uma mulher formado a partir de móveis de uma sala), para compreender a obra é necessário pegar uma fila e subir as escadas até chegar no ponto ideal de visualização onde há uma lente - e cabe apenas uma pessoa por vez. É interessante que, ao adaptar ao século XXI, na exposição no Brasil foi incorporado um espelho - onde é possível ver mais facilmente o resultado do distanciamento da obra ao mesmo tempo em que se aproveita para registrar o momento numa foto com o celular (como foi instruído pelo segurança que controlava a fila no local).



Visitante tirando foto no espelho na réplica da instalação Mae West em São Paulo



Visitantes na fila para visualizar a instalação Mae West em Figueres

Com premissas muito diferentes, e sabendo de suas limitações, as duas exposições buscam retratar Salvador Dalí com todo o respeito e espaço que o artista merece por seu trabalho, atuando como uma das figuras centrais no cenário artístico do século XX. O papel que teve diante das vanguardas europeias e suas contribuições ao mundo da arte, compreendendo seu contexto num mundo cada vez mais massificado e questionando o mercado artístico que começava a dispor-se de maneira voraz, fizeram Dalí se tornar uma grande referência, inclusive para artistas posteriores ao seu tempo, como Andy Warhol. A experiência de ambas mostras reflete isso: há um interesse constante do público geral pelas obras do artista, que permanece atual e instigante até hoje. Se em uma delas é possível conhecer e vivenciar seu mundo (e os outros mundos que costumava visitar através de inspiração) quase completamente, na outra é difícil exigir mais do que um belo panorama dos trabalhos e personalidade por trás de tais contribuições estéticas. O caso do Teatro-Museu é único porque Dalí conseguiu atingir tal nível de fama e fortuna a partir de sua arte que lhe foi permitido criar ambientes que antes figuravam apenas em sua mente. O espaço é riquíssimo e deve ser mais profundamente conhecido e estudado como um modelo para todos aqueles museus que ousarem propor experiências mais completas de imersão do visitante na arte.

Bibliografia

AGUER i TEIXIDOR, Montse. El Teatro-Museo Dalí: Resultado del afán obsesivo del artista por la investigación. Revista de Girona, núm 222, 2004. <Acesso em: <http://www.salvador-dali.org/recerca/arxiu-online/textos-en-descarga/7/el-teatro-museo-dali-resultado-del-afan-obsesivo-del-artista-por-la-investigacion> >

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: ____ Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1.

BOURDIEU, Pierre & DARBEL, Alain. O Amor pela Arte São Paulo, EDUSP e Ed. Zouk, 2003.

GREENHALGH, Paul, Education, Entertainment and Politics, Lessons from the Great International Exhibitions IN VERGO, P. New Museology, London, Reaktion, 1989, pp 74-98.

MALRAUX, André. O museu imaginário. Lisboa: Edições 70, 2000.

O'DOHERTY, B. No Interior do Cubo Branco, a ideologia do espaço da arte, São Paulo, Martin Fontes, 2002.

BERNILS, J. M. El Teatro Museo Dalí de Figueras, Revista de Girona, núm. 68, 1974. <Acesso em: <http://www.raco.cat/index.php/RevistaGirona/article/view/81479/106005> >

Fundação Gala-Salvador Dalí. Acesso em dez/2014. Disponível em: http://www.salvador-dali.org/museus/teatre-museu-dali/es_historia/

Fundació Joan Miró. Acesso em dez/2014. Disponível em: http://www.fundaciomiro-bcn.org/fundacio_edifici.php?idioma=6

Instituto Tomie Otake. Acesso em dez/2014. Disponível em: <http://www.institutotomieotake.org.br/programacao/exposicoes/salvador-dali/>

Crédito das imagens

Fotos: Thaís Gaal Rupeika

Mapa do Teatro-Museu Dalí: Fundação Gala-Salvador Dalí, disponível em: <http://www.salvador-dali.org/media/upload/arxiu/TMD/Teatro%20Museo%20Dal%C3%AD.pdf>